

O BLOQUEIO DA ACUMULAÇÃO SOCIALISTA*

APRESENTAÇÃO

A crise atual do socialismo coloca muitas questões e deve ser analisada sob ângulos diversos.

Está colocada na ordem do dia, por exemplo, a discussão sobre as formas de controle da burocracia estatal pelos organismos representativos das massas, durante a transição para o socialismo, tendo em vista a construção efetiva de uma democracia dos trabalhadores. Está colocada também a discussão sobre a relação que deve existir entre os estados operários e os movimentos dos trabalhadores que se desenvolvem dentro dos países capitalistas.

A pauta dos problemas propostos pela crise atual é ampla, envolvendo questões teóricas mais gerais, como a polêmica sobre a própria natureza das relações de produção existentes na União Soviética. Facilmente, poderíamos aqui alongar a relação dos temas correlatos, cuja discussão é necessária.

O texto que ora publicamos pretende contribuir para o debate dessa problemática sob um ângulo bem preciso: o da determinação econômica da crise atual do sistema, mais particularmente, da crise da União Soviética. Trata-se, assim, de uma abordagem que é parte de uma discussão maior. No entanto, talvez não estejamos exagerando se considerarmos que o problema aqui debatido tem importância fundamental.

O referido texto foi elaborado a partir de discussões realizadas pela Equipe CEPAS e está sendo publicado como documento preparatório de um seminário sobre a crise de socialismo, a ser realizado proximamente.

Salvador, janeiro de 1991

Equipe CEPAS

*Artigo escrito por Victor Meyer e publicado pelo Centro de Estudos, Pesquisas e Assessoria Sindical – CEPAS em janeiro de 1991.

O BLOQUEIO DA ACUMULAÇÃO SOCIALISTA

Victor Meyer

"... e no túmulo de Lenin em Moscou parece que um coração enorme esta batendo, batendo."

(Carlos Drummond de Andrade. *Alguma Poesia*. 1930)

Nota preliminar

As primeiras reações frente aos movimentos de massas do Leste Europeu, em 1989, pareciam aproximar as mais distantes correntes ideológicas. Altos dignitários da direita e militantes de esquerda pareciam identificados no ato de aplaudir. Essa estranha confraternização, não programada e incômoda, levaria logo depois muitos quadros de esquerda a uma situação indesejada. Tão rápida foi a sucessão dos acontecimentos, especialmente na Alemanha, que alguns se deram conta um tanto tardiamente de estarem aplaudindo a restauração capitalista.

A armadilha em que muitos caíram tinha em parte suas origens nas análises correntes, em sua maioria tendentes a isolar os fatos políticos das suas bases econômicas. Haveria uma crise da burocracia, uma crise do stalinismo, e nesta medida nada mais justo do que aplaudir. Passado mais de um ano desde a queda do muro de Berlim e diante do inequívoco processo de restauração da exploração capitalista naqueles países, é conveniente investigar com mais detalhe o pano de fundo do processo em marcha. É preciso concentrar atenções sobre a base material da crise do socialismo, tomando-se especialmente o caso da União Soviética.

Por trás da expressão aparente dos acontecimentos, tudo indica que a acumulação socialista encontra-se bloqueada. Tudo leva a crer que a crise não se limita ao invólucro burocrático, ela atinge as bases do sistema (embora certamente levando de roldão a burocracia e todos os dogmas mascarados do stalinismo). A constatação de que a crise não advém apenas da degenerescência burocrática do Estado pode ser inferida, numa primeira aproximação com o problema, ao se observar uma circunstância que parece contrariar o senso comum: sob o jugo da mesma burocracia, o socialismo já viveu períodos de rápida expansão, enquanto, por outro lado, a reforma do velho regime (desde 1985) não atenuou a marcha da crise. As causas da presente crise econômica devem envolver, portanto, determinantes mais amplos.

A crise é do socialismo e não apenas da burocracia. Seus fundamentos, em última análise, estão na contradição mundial entre os dois blocos, entre os dois sistemas econômicos e sociais irreconciliáveis que dividem o mundo desde 1917. Esta é a discussão que pretendemos esboçar aqui, tomando como base da análise o que ocorre na União Soviética.

É verdade que, pelo menos em dois momentos, desde 1917, o socialismo já enfrentou situações muito próximas do colapso. A primeira delas ainda durante o comunismo de guerra, quando a economia russa chegou a um estágio abaixo dos níveis mínimos de civilização, com a população fragmentando-se em bandos errantes fugindo pelos campos, como nos conta Issac Deutscher em suas páginas clássicas. Para reconstruir a nação, o Estado Soviético passou a assegurar o

desenvolvimento das formas econômicas e sociais objetivamente existentes e nas quais os agentes sociais demonstravam destreza.

Essas formas econômicas, trazidas do passado pelas correias da tradição, consistiam na economia camponesa patriarcal e comunal, na pequena produção mercantil, no capitalismo privado, no capitalismo de Estado, formas às quais se agregava, em pequena escala, uma "ilha" de socialismo. Liberando o desenvolvimento de todas essas formas sociais, o colapso foi superado e a economia do país voltou a se organizar. Ocorre que, ao mesmo tempo, essa convivência de diferentes relações sociais acendeu e aguçou os conflitos entre os camponeses e os operários. Enriquecidos durante a década de 20, os camponeses passaram a agir segundo a lógica universal da acumulação mercantil: queriam acumular sempre mais e por isso fatalmente se chocavam com os operários. Sabotavam o abastecimento e radicalizavam agressões ao Estado Soviético. Pela segunda vez o socialismo chegava a uma situação crítica.

A "ilha" socialista dentro do mar de capitalismo estava em desvantagem em termos de desenvolvimento objetivo mas dispunha de meios extra-econômicos para reagir. O Estado Soviético chegou à conclusão de que, naquelas circunstâncias, não havia tempo para o crescimento pacífico do setor socialista, não se podia esperar pelo esvaziamento progressivo da economia mercantil. Optou pela reação violenta, pelo ataque campal e cruento aos camponeses. Os coletivizadores arrasaram em poucos meses, com armas na mão, milhões de propriedades rurais.

O socialismo que emergiu da coletivização forçada tinha, pelas próprias condições de nascença, algo de comunismo de guerra. Esmagado por um ato de força, o camponês russo ainda tentaria ressurgir posteriormente, de dentro da própria fazenda coletiva, realimentando o terror do Estado. Destruídas por vias extra-econômicas, as forças do mercado não desapareceram, elas tentaram repetidamente se reerguer. Voltando a Isaac Deutscher, *o individualismo camponês jamais se recuperaria do golpe mortal que lhe foi imposto, embora sua matraca mortuária continuasse soando nos ouvidos da Rússia por um quarto de século.*

O avanço da acumulação socialista nos anos seguintes, sobretudo logo após a Segunda Guerra, criou as bases para um apaziguamento relativo da sociedade soviética. Nas décadas de 50, 60 e até certo momento da década de 70, não se fizeram sentir movimentos sociais importantes em oposição ao Estado, salvo as manifestações de dissidentes isolados. Com os primeiros sinais da crise da economia socialista, entretanto, aos poucos se foram reabrindo as velhas cicatrizes. Ecos dos antigos *kulaks*, da economia mercantil abafada pela força, paulatinamente voltaram a cena. O fenômeno se torna mais nítido ao longo dos anos 80. A crise reabriu contradições mantidas latentes e fez vir a tona o cansaço das massas com os métodos autocráticos do Estado burocratizado.

Deve-se em primeiro lugar perguntar pelas causas da crise econômica. Ela já se prenuncia na década de 70, com a desaceleração do crescimento da União Soviética. Deve-se perguntar por que o mesmo país que crescera a taxas tão altas durante mais de uma década, até conseguir, no imediato pós-guerra, marcar vários tentos na competição tecnológica com o mundo capitalista — por que este país mergulha depois numa marcha lenta e a seguir numa crise aberta. Deve-se investigar por que o mesmo país que conseguiu sustentar um empate estratégico na corrida armamentista com o imperialismo começa depois a perder terreno, a ver se enfraquecerem as condições materiais para a sustentação da corrida, até atingir um estágio de desagregação interna. Esta é a discussão que se pretende esboçar a seguir.

A "assim chamada acumulação primitiva"

Durante a década de 20, o problema da política econômica a ser adotada pela nascente sociedade soviética marcou intensamente as discussões travadas pelo Partido. Estava em jogo o destino da NEP e os principais expoentes do debate, no plano teórico, foram Bukárin e Preobrajenski. Enquanto Bukarin defendia a continuidade da NEP, o desenvolvimento balanceado com base na aliança operário-camponesa, fórmula que ficou conhecida como "socialismo a passo de lesma", Preobrajenski argumentava que a aliança de classes que sustentava a NEP continha um antagonismo interno fadado à ruptura. Desenvolvendo sua visão sobre este processo de transição (entre o capitalismo e o socialismo) Preobrajenski formulou a tese de que a acumulação socialista exige uma etapa prévia, por ele denominada de acumulação socialista primitiva.

A fórmula obviamente faz alusões à acumulação primitiva vivida pelo capitalismo, magistralmente descrita por Marx no "O Capital". Precedendo à acumulação capitalista há uma modalidade especial de acumulação que não é resultado do modo de produção capitalista mas sim seu ponto de partida. Para Marx, a era do capitalismo começa no século XVI, mas a produção "especificamente capitalista" vem com a divisão manufatureira do trabalho, com a subordinação real do trabalho ao capital e com a introdução da maquinaria, via revolução industrial. Entre os dois marcos citados medeiam pelo menos 200 anos, durante os quais transcorreu-se a acumulação primitiva.

A acumulação capitalista primitiva, levada á cabo com base no emprego de meios extra-econômicos, ou seja, da violência pura e simples, garantiu a acumulação prévia de tesouros e instrumentos de produção nas mãos da burguesia nascente. O processo tornou possível o encontro entre o dinheiro e a força de trabalho (formada pelos camponeses expropriados, despossuídos de qualquer meio de produção, "livres como pássaros"). Esse encontro assegura a criação do valor, a expansão e a reprodução ampliada do capital. A obra de Preobrajenski nos sugere que também no socialismo é necessária uma etapa assim prévia, durante a qual a classe operária dirige a ampliação de um fundo de acumulação socialista. A condição desse processo é a coexistência do socialismo emergente com outras formas sociais, uma convivência conflituosa durante a qual o Estado operário usa de meios extra-econômicos para expropriar parte do produto social oriundo das formas não socialistas.

A acumulação socialista primitiva pressupõe, portanto, a coexistência num mesmo tempo e lugar de um núcleo inicial de produção socialista — uma ilha de socialismo — cercado por um mar de propriedades mercantis. Para sobreviver e depois expandir-se, o setor socialista precisa recorrer à autoridade do Estado revolucionário para taxar progressivamente a renda das classes mercantis, ou seja, precisa taxar parte da mais-valia extraída pelo setor capitalista da sociedade. O processo somente se encerra quando o conflito desaparecer, quando o socialismo já não for apenas uma ilha cerceada em suas margens pelo mar de capitalismo. A acumulação primitiva se transcorre sobre um conflito entre duas forças por natureza expansivas, uma sempre ameaçando mortalmente a outra, uma sempre tendendo a suplantar e asfixiar a outra, pois são forças mundiais por natureza, são forças que precisam do mundo para se tornarem estáveis.

Na experiência soviética esse processo teria se iniciado durante a NEP e se coroado num golpe súbito — a coletivização forçada. Não se trata aqui de retomar o debate russo daqueles anos, mas sim de recuperar o argumento chave de Preobrajenski, que defendia a expropriação progressiva da economia mercantil em favor do setor

socialista. Sem o que o "mar de capitalismo", em condições materialmente vantajosas, por já ocupar o mundo e por se apoiar em tradições sólidas, terminaria por alastrar-se sobre a "ilha" socialista, arrasando-a.

O raciocínio pode e deve ser estendido ao âmbito mundial. Mesmo depois de consumado o ato da coletivização forçada do seu próprio campesinato, a União Soviética continuava uma "ilha" de socialismo no plano mundial, em desvantagem diante do mar de capitalismo monopolista. Para sobreviver, seria indispensável alastrar as relações socialistas sobre o campo das relações mercantis, francamente predominantes. A esta visão do processo se poderia objetar que durante décadas o socialismo pôde sobreviver e até se estabilizar na União Soviética como uma espécie de "socialismo num só país". Não nos esqueçamos, porém, de que no longo período que vai da revolução de 1917 até o final da Segunda Guerra, o mundo capitalista atravessou uma sucessão de abalos, dos quais a Grande Depressão é o símbolo maior. Seria bastante questionável imaginar a consolidação do "socialismo num só país" se durante o referido período o capitalismo houvesse se expandido com a pujança observada no pós-guerra.

Superado o período das grandes instabilidades, o capitalismo encontrou seus mecanismos de regulação e suas formas institucionais adequadas à era do capital monopolista. No entanto, simultaneamente, o socialismo soviético recebeu o reforço decorrente da revolução chinesa e mesmo das "revoluções" de cima para baixo, isto é, da anexação militar dos países do leste europeu, constituindo assim os esboços de um bloco mundial socialista. Mesmo considerando-se todas as limitações desses novos aportes, a expansão do "bloco" abriu uma cunha no mercado mundial capitalista, e foi possível ao socialismo um período de prosperidade relativa. Continuava, porém, uma ilha em desvantagem num mar de capitalismo monopolista. O cenário continuava sendo o da acumulação primitiva, encontrando fortes barreiras externas para a sua expansão .

As forças bloqueadoras

A fase das crises agudas e das guerras mundiais, que abalou o capitalismo na primeira metade do século, foi substituída pela forte expansão do pós-guerra. A consolidação do consumo de massas, das democracias burguesas na Europa, do Keynesianismo como mecanismo de estabilização do sistema e a industrialização de vários países da periferia do sistema são os signos da prolongada prosperidade. Hoje é possível verificar que nem mesmo a crise de 1974 e as turbulências que se seguiram foram suficientes para deter o avanço do capital. Nem o declínio da força hegemônica dos EUA nem a desorganização do sistema financeiro mundial impediram que a década de 80 marcasse a expansão do capital nos países centrais do capitalismo, enquanto uma revolução tecnológica despontava a partir do Japão e da Europa Ocidental (Alemanha, principalmente). Ao longo das últimas quatro décadas avançou a internacionalização do capital e da produção, mudou a divisão internacional do trabalho e o comércio mundial se expandiu como nunca. O capital financeiro e as mercadorias de exportação avançaram, naturalmente, também sobre o campo socialista.

A relação entre esses fatos que envolviam o mundo capitalista e o que então acontecia na União Soviética é a chave para a compreensão do virtual xeque-mate em que o sistema socialista hoje se encontra. Primeiro, cabe considerar que todos os países que vieram a compor o bloco socialista no pós-guerra saíam de uma ordem anterior caracterizada pelo fraco desenvolvimento industrial. Essa limitação é o tributo pago à política externa stalinista, que no imediato pós-guerra negociou

com o comando imperialista a deposição das armas pelo proletariado na Europa desenvolvida.

Neste ponto a análise econômica se cruza de forma muito aparente, muito direta, com a análise política. Sendo um momento de crise aguda, um ponto de viragem na história da Europa, não se pode deixar de ressaltar que aquele momento representou uma oportunidade perdida no curso da revolução mundial. Selado o compromisso entre a burocracia soviética e o comando imperialista numa espécie de Tordesilhas, ficou perigosamente delimitado o campo de expansão para as forças socialistas. O ato de traição promovido pela burocracia cerceava as possibilidades do socialismo no período seguinte. Simultaneamente, a burocracia conseguia prolongar sua posição no controle do Estado. O socialismo continuaria "subdesenvolvido" e por isto a burocracia se colocava a salvo de contestações maiores. Nem mesmo a morte de Stalin, as revoltas nos países anexados (Hungria, etc.), o XX Congresso do PCUS e a "desestalinização" nas aparências, nada disso representaria abalo decisivo para a posição dirigente da burocracia. Mas o que se deseja aqui ressaltar é que, excluída a revolução na Europa, o bloco socialista limitou-se a um certo número de países saídos da periferia atrasada do mundo.

O bloco assim constituído, com essas fraquezas congênicas, tinha que realizar um imenso esforço em termos de gastos militares. Para assegurar sua sobrevivência no contexto da guerra fria, isto é, num mundo cindido pela contradição entre os dois sistemas, o socialismo precisava destinar um percentual do PIB bem maior que o percentual gasto pelo bloco inimigo com a corrida armamentista. Os dois blocos chegaram a um empate nas relações de forças militares, mas o PIB dos EUA era mais que o dobro do PIB soviético. Para a União Soviética o preço do empate era incomparavelmente maior que o preço pago pelos EUA. Na medida em que prosseguia a corrida, ou seja, a luta entre os dois sistemas, crescia do lado socialista uma imensa sangria de recursos, um enorme desgaste do fundo de acumulação socialista. O capitalismo, em expansão, encontrava assim um meio de asfixiar lentamente a economia socialista. Do ponto de vista da União Soviética, a necessidade de sustentar o empate militar implicava em crescer menos que os capitalistas nos investimentos produtivos e portanto no desenvolvimento tecnológico. Sem precisar detonar qualquer bomba atômica, o imperialismo começava a projetar no horizonte a perspectiva do estrangulamento da economia socialista. A não ser que o socialismo lograsse nesse ínterim se expandir sobre o mundo, retirando substância do âmbito das relações mercantis, fazendo crescer o peso do fundo socialista dentro do mundo, a não ser que a revolução lograsse novas e significativas vitórias, o cerco do capital se faria sentir cada vez mais fortemente.

Além disso, o campo socialista não podia dispor, com a mesma envergadura do que ocorria no campo capitalista, de uma divisão internacional do trabalho. O comércio exterior com os países capitalistas substituía uma divisão do trabalho socialista em grande escala. Essa circunstância reduzia fortemente a faixa das questões econômicas passíveis de serem incluídas na planificação. O potencial revolucionário do mecanismo da planificação tinha que ser amortecido. Uma parte dos insumos necessários a acumulação socialista provinha do mundo capitalista, através do comércio exterior, e esta parte do produto social estava evidentemente fora do alcance da planificação.

Com esses dois tipos de freio, o primeiro reduzindo drasticamente os recursos efetivos e o outro embargando as forças potenciais, começa a haver, desde os anos 70, uma desaceleração do crescimento do PIB da União Soviética. No período 1951-73 o Produto Interno Bruto cresce 5%. No período 74-82 o crescimento é de

2,1% e entre 83 e 88 apenas 1,9%. Os dados mostram claramente uma tendência. Há desaceleração e depois virtual estagnação (com tendência à queda) do PIB per capita. Se no período 51-73 o PIB per capita crescia à taxa anual de 3,6%, no período 74-82 cresce apenas 1,2% e em 83-88 não mais que 1%.¹ Nessas condições seria de se esperar uma queda no padrão de vida do povo soviético. No entanto, a lógica do sistema leva à sustentação do poder aquisitivo das massas com a ampliação de investimentos em habitação, educação, etc., com a liberação de recursos para socorrer flagelados, com a sustentação do nível de emprego via subsídios a empresas deficitárias etc. Foi também a lógica do sistema, num quadro de confrontação latente entre os blocos (socialista e capitalista) que levou à manutenção e ampliação da ajuda a países socialistas ou a caminho do socialismo, como Cuba e Nicarágua. A sustentação desse quadro, num contexto de desaceleração do crescimento do produto social, passou a gerar um grande déficit público que, em 1988, já atingia 11% do PNB soviético. Não se pode estranhar, diante disso, fenômenos tais como uma inflação reprimida e a deterioração da moeda nacional.

Note-se que há um encadeamento de contradições em última análise decorrentes da luta entre os dois sistemas mundiais. Se o sistema capitalista não estivesse se expandindo tão rapidamente, não poderia arcar tão facilmente com os elevados gastos militares. O armamento dos EUA, porém, obrigava a União Soviética a realizar um esforço incomparavelmente maior para assegurar o empate estratégico. Em 1978, os gastos militares dos EUA chegaram a 5% do seu PNB, enquanto a União Soviética precisava destinar de 11 a 14% do seu PNB para os mesmos fins² (a enorme diferença dos percentuais decorria do fato de ser o PNB dos EUA então mais do que o dobro do PNB soviético). As despesas militares dos EUA continuam crescendo nos anos seguintes. Em 1980 representavam 22,6% do orçamento público, passando a 26,7% em 1984³, correspondendo ao auge militarista do governo Reagan. Foi a lógica da sobrevivência do sistema, no contexto da contradição com o sistema capitalista, e não apenas a lógica particular da burocracia, que impôs à União Soviética a corrida armamentista e a ajuda a países como Cuba, Nicarágua e outros. O preço pago foi uma depauperação do fundo de acumulação socialista.

Não se pode estranhar o fraco desenvolvimento tecnológico do mais importante país do bloco socialista. O desenvolvimento tecnológico, em padrões equivalentes ao que ocorria no mundo capitalista, teria que estar incluído na planificação. Mas a planificação não é um sonho, ela depende de recursos materiais. O fundo socialista estava no entanto sofrendo a ação redutora dos gastos impostos pela confrontação política com o imperialismo.

A produtividade do trabalho, medida em Produto Bruto por hora trabalhada, crescia na União Soviética a taxas anuais de 3,6% no período 1951-73, passando a 1% no período 78-74. Simultaneamente os países industrializados (16 países, agrupados segundo critérios do FMI) demonstravam, nos mesmos períodos, crescimento de 4,8 a 2,7%, respectivamente⁴. A vantagem dos países capitalistas vai aparecer mais claramente se, ao invés dos 16 países agrupados nos dados acima,

¹ FMI - World Economic Outlook, março de 1990.

² BEAUD, Michel. História do capitalismo. Brasiliense, 1987.

³ Idem, op. cit.

⁴ FMI - World Economic Outlook, maio de 1990.

Banco Mundial - Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial, 1989. FGV, 1989.

considerarmos especificamente o Japão e CEE (ou o Japão e a Alemanha), onde vai ficar mais evidente o salto tecnológico, a nova revolução industrial em andamento na parte capitalista do mundo.

Os dois blocos que dividem o mundo são mutuamente excludentes. Somente à luz dessa contradição é possível compreender que, depois de um período de avanço, a acumulação socialista na União Soviética tenha se desacelerado e depois entrado em crise. Por trás do fenômeno está a expansão prolongada do capitalismo no pós-guerra e mais recentemente seus avanços rumo a uma tecnologia qualitativamente superior. A "ilha" socialista, já partindo de uma posição desvantajosa e sofrendo uma sangria crescente, começa a ver alcançar sobre si o "mar" capitalista. A atual crise do sistema socialista é consequência direta da contradição internacional entre os dois blocos, da luta ininterrupta travada entre eles.

A Perestroika, que guarda seus parentescos com a NEP pode significar uma retomada de fôlego: em termos imediatos, mas certamente colocará contradições maiores mais adiante. O restabelecimento de um setor capitalista forte ajuda a resolver o problema, imediato do abastecimento. A redução dos subsídios e dos gastos externos ajuda a recompor as finanças públicas. Mas as consequências posteriores serão, por um lado, o crescimento material das forças internas frontalmente hostis ao socialismo e, por outro lado, a liquidação de conquistas sociais dos trabalhadores (como a garantia de emprego). Além disso, a suspensão dos gastos com os países socialistas pouco desenvolvidos, como Cuba, implicará para estes em danos profundos.

Gorbachev costuma fazer alusões ao realismo de Lênin, numa explícita referência à NEP dos anos 20. Com um revólver apontado contra a sua cabeça, é natural que o líder soviético tente um acordo contra o tempo, e o faça relembrando Lênin. Mas a analogia não vai longe. É verdade que Lênin tentou ganhar tempo com a NEP, assim como nos embates diplomáticos de Brest-Litovski, mas seu realismo era revolucionário. Sempre apostava ativamente nas possibilidades de logo adiante poder desarmar os seus algozes. Para isto o velho revolucionário russo não se contentava com frases de confiança no futuro, ele contava sobretudo com o partido revolucionário e com a confiança do proletariado. Hoje, a situação é completamente distinta. Para fazer o mesmo que Lênin, Gorbachev precisaria estar disposto a varrer o velho sistema burocrático e mobilizar os trabalhadores soviéticos para que eles próprios viessem a sustentar, através da democracia direta e com métodos revolucionários, a salvação imediata do sistema ameaçado. No entanto, depois de décadas de dominação burocrática, os trabalhadores associam o socialismo à burocracia que se incrustou e "degenerou" o aparelho do Estado.

Gorbachev não pode pretender nada disto. O seu realismo é o da burocracia, que deseja prolongar o seu sistema de mando, sua posição dentro da sociedade soviética. Mas a burocracia sobrevive exatamente porque e enquanto a classe operária não assume, ela própria, o controle da sociedade. Temos aí o nóculo dramático da crise. Enquanto reinou, a burocracia anestesiou politicamente as massas trabalhadoras soviéticas, manteve-as despolitizadas e à margem das decisões nacionais. Chegada a hora de uma crise aguda do sistema, o proletariado não demonstrou, até aqui, estar em condições de agir como classe (nos outros países do Leste Europeu simplesmente serviu de massa de manobra na estratégia da reação mundial pela restauração do capitalismo). O jugo burocrático é responsável pelo alcance mortal da ameaça que paira sobre o sistema: o Estado soviético continua esvaziado da participação democrática das massas, continua ocupado pelas forças remanescentes do stalinismo, arrastando o extenso fardo dos

crimes políticos praticados pela burocracia. A única força capaz de salvá-lo não demonstrou ainda a recuperação de uma consciência de classe. No entanto, é preciso reafirmar as esperanças. Somente os trabalhadores poderão dirigir a saída desse momento crítico. Embora fosse, nesse caso, ainda uma saída provisória. A solução duradoura para a crise do socialismo tem que ser colocada em sua dimensão internacional.

Digamos que a situação atual guarda alguma semelhança com o panorama Soviético de 1929. Naquela época, as forças capitalistas revigoradas pela experiência da NEP avançavam sobre os redutos socialistas. Mas o Estado Soviético pôde então reagir com um recurso típico da era da acumulação primitiva: apelou para os meios extra-econômicos, empregou as forças do Estado para esmagar a economia mercantil. Hoje, com que força extra-econômica poderia o bloco socialista jogar-se contra o capitalismo monopolista, para novamente garantir um novo salto na acumulação socialista? Obviamente, a União Soviética não tem esses meios nas mãos, por isso o problema já não poder ser inteiramente resolvido no interior do próprio bloco. O socialismo atual pode e deve resistir, como propugna Fidel Castro, ao cerco da reação mundial. Mas a saída duradoura para a presente crise somente seria possível se uma força extra-econômica golpeasse as forças mercantis e assegurasse novos espaços para a acumulação primitiva socialista no mundo.

Essa saída nos leva de volta a antigas análises de Marx, Lênin, Rosa Luxemburgo, Trotsky e tantos outros revolucionários: o socialismo precisa não menos que do mundo para existir. A crise hoje vivida pelo que resta do mundo socialista nos diz exatamente isto: a crise ganhou contornos agudos em última análise porque a revolução mundial não logrou êxitos maiores nas últimas décadas, e um socialismo "subdesenvolvido" não pode sozinho se sobrepôr ao ímpeto expansivo do capital. A única via de salvação, em termos duradouros, seria a expansão da revolução socialista. Para voltar a crescer, a acumulação socialista primitiva precisa de novas revoluções no mundo, para assim renovar seu oxigênio e reabrir possibilidades de êxito.

Pós escrito

O futuro da União Soviética é e deve ser um ponto de preocupação para os trabalhadores e militantes de esquerda do Brasil. O que está em jogo no momento não é apenas o fim da burocracia, mas uma crise bem mais ampla no sistema socialista, cujas causas maiores precisam ser situadas claramente. Por enquanto, as tendências mais fortes indicam uma restauração do capitalismo, o que enfraquece globalmente a luta pelo socialismo. Ao cerco material aos países do Leste Europeu, a exemplo dos fabulosos gastos do imperialismo com a unificação alemã, corresponde o cerco que a reação burguesa promove hoje no Brasil contra o PT e todas as formas de organização independente do proletariado brasileiro.

O fim da burocracia nos velhos satélites da URSS e a crise da própria burocracia soviética não estão se fazendo acompanhar pela almejada revitalização do socialismo. Por isto a reação mundial não se cansa de repetir salvas pirotécnicas ao que considera a morte do comunismo. Deixemos que a reação continue se ocupando em aplaudir. A nós interessa compreender as causas maiores da crise atual e sobretudo as perspectivas existentes quanto ao futuro do socialismo. Afinal, apesar de toda a poeira levantada pela propaganda reacionária, alardeando "o fim do socialismo e da guerra fria e o advento da paz", sabemos perfeitamente que o mundo está colocado hoje, novamente, frente ao dilema referido por Engels: **socialismo ou barbárie.**

LEITURA RECOMENDADA:

Carr, E. H. - História da Rússia Soviética. Porto, Edições Apontamento, 1979.

Deutscher, Isaac - A Revolução Inacabada. RJ, Civ. Brasileira.

Deutscher, Isaac - Trotski, o Profeta Armado. RJ, Civ. Brasileira, 1984.

- Trotski, O Profeta Desarmado

- Trotski, O Profeta Banido

Cohen, Stephen - Bukarin, uma Biografia Política. RJ, Paz e Terra, 1990.

Lênin - O Estado e a Revolução. RJ, Editorial Vitória, 1961.

Marx - Crítica ao Programa de Gotha. In Obras Escolhidas de Marx e Engels, Alfa Omega.

Preobrajenski, Bukarin e outros - A História Política Econômica. SP, Global, 1987.

Preobrajenski, Eugênio - A Nova Economia. RJ, Paz e Terra, 1979.

Sachs, Erico - Qual a herança da Revolução Russa e outros textos. BH, Segrac, 1988.